

ENTRE A PROIBIÇÃO E A APROPRIAÇÃO: TRÂNSITOS DO TELEFONE CELULAR NAS ESCOLAS PÚBLICAS DE ENSINO MÉDIO DE GOIÂNIA

Lívia da Silva Neiva Martin (UEG)

Mestranda em Educação, Linguagem e Tecnologias, Universidade Estadual de Goiás, Anápolis (GO) – livianeiva@gmail.com

Mirza Seabra Toschi/Orientador (MIELT-UEG)

Professor(a) do Curso de Mestrado Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias, Instituição, Anápolis(GO) – mirza.seabra@ueg.br

18

Introdução

Esta pesquisa tem como foco a investigação sobre o uso que diretores, professores e estudantes fazem de seus aparelhos celulares quando estão dentro das escolas estaduais de ensino médio às quais se encontram vinculados. Se a maioria dos jovens não tem computador com acesso à internet em casa, o contrário acontece com o celular. No mínimo, um aparelho celular existe na casa de cada um destes jovens.

A Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel) divulgou, em abril de 2012, o total de 250,8 milhões de telefones celulares ativos no Brasil. Em 26 unidades da federação existe mais de um aparelho por habitante, sendo que Distrito Federal e Goiás apresentam a maior quantidade de acessos por habitantes.

A velocidade com que a telefonia móvel tem se popularizado vem afetando, entre outros aspectos, o modo como estamos nos relacionando uns com os outros. A maior parte dos celulares desenvolve funções que ultrapassam uma simples transmissão de voz. Os mais populares permitem ouvir rádio, tirar fotos, fazer pequenos vídeos, enviar e receber mensagens instantâneas, gravar voz, jogar games, utilizar a calculadora, calendário, bloco de notas, compartilhar imagem, som e vídeo por *bluetooth* ou infravermelho. Estas são apenas algumas das funcionalidades livres de tarifação. Outra característica que é importante ressaltar é a mobilidade e ubiquidade do celular, a qual torna possível ouvir, ver, gravar, arquivar e ler arquivos e mensagens a qualquer hora e em qualquer lugar.

Todavia, esta tecnologia tem uma má reputação dentro das escolas. Alguns professores se queixam que os telefones celulares distraem e comprometem o desenvolvimento e a concentração dos alunos. Outros afirmam que os estudantes utilizam seus celulares para se exibirem, como sinal de status e, até mesmo, para colar. Alguns, ainda, enfatizam a produção e rápida disseminação de vídeos com teor pejorativo, ofensivo e até imorais. Tantas queixas resultaram na aprovação de projetos

de leis que proíbem o uso do celular em sala de aula. Em Goiás, a lei número 16.999, de 10 de maio de 2010, determina tal proibição.

Entretanto, esta proibição contrasta com a grande aceitação fora dos muros da escola, donde surgem algumas questões, que aqui se propõe e que irão nortear esta pesquisa: a) Em quais situações e contextos o celular é usado nas escolas? b) Os usos dos celulares nas escolas alteram as relações entre os sujeitos? c) Quais razões os jovens apresentam para justificar o uso do celular na escola? d) Houve consequência da proibição legal do celular no cotidiano das escolas? Se sim, quais foram estas consequências?

Objetivo

Identificar e analisar, em escolas públicas de ensino médio de Goiânia, quais são os usos que diretores, coordenadores pedagógicos, professores e alunos fazem de seus celulares no ambiente escolar.

Como objetivos específicos, apresentamos:

1. Compreender se os usos que diretores, coordenadores, professores e estudantes fazem de seus celulares alteram as relações entre estes sujeitos.
2. Conhecer as razões que os jovens apresentam para justificar o uso do celular em ambiente escolar.
3. Descrever e analisar as situações e os contextos em que o celular é usado na escola.
4. Conhecer e analisar se houve e quais são as consequências da proibição legal do uso do celular no cotidiano das escolas.

Metodologia

Os referenciais da pesquisa qualitativa têm sido adotados tanto no campo da educação quanto da comunicação, pois ambos propiciam a apreensão rigorosa do objeto, leva em conta o contexto em que ele está inserido, bem como desvela as múltiplas dimensões presentes na realidade empírica investigada, exigindo diferentes fontes de informações utilizando instrumentos variados. Para Ludke e André (1989, p. 30), “o que esse tipo de

pesquisa visa é a descoberta de novos conceitos, novas relações, novas formas de entendimento da realidade.”

Será uma constante a preocupação com as pequenas ações aparentemente desinteressadas, aos costumes, atitudes e expressões que permeiam as interações entre o grupo social das escolas a serem pesquisadas.

Em síntese, os procedimentos de coleta de dados incluem a observação em duas escolas estaduais de ensino médio da regional de Goiânia, que tiverem interesse nesta temática e com a devida autorização da Coordenação de Ensino Médio, órgão da Secretaria Estadual de Educação, já que estamos tratando de uma mídia que é proibida por lei. Será usada também a entrevista semiestruturada junto a diretores, coordenadores pedagógicos e professores que mais usam o celular no ambiente escolar e realização de grupos focais com os estudantes. Após a organização dos dados, far-se-á a análise de conteúdo do material coletado e sistematizado.

Revisão de Literatura

Como o estudo está em andamento, apresentamos parte da revisão da literatura realizada e de algum referencial teórico que subsidiará a análise dos dados a ser coletados.

Existe consenso entre especialistas sobre as dificuldades da escola e dos professores em lidar com as características, interesses, comportamento e linguagens de seus reais jovens estudantes, assim como as dificuldades e insatisfações destes sujeitos em relação ao que é oferecido pela escola. Já na década de 1980, o padre e psicopedagogo francês, Pierre Babin, afirmava que os jovens “estão em outra”, pois compreendem, estudam e se comunicam de um jeito diferente do que o proposto pela escola.

Os jovens não são, ou não são mais contra estes ou aqueles valores, em relação aos quais tentariam definir sua identidade. Eles “estão em outra”, num sistema diferente dentro do qual se inserem de modo original e que, pouco a pouco, constitui uma verdadeira e nova cultura. (BABIN, 1983, p.5)

Os estudantes de hoje parecem não ser as pessoas para as quais nosso sistema educacional foi desenvolvido, pois, eles, nativos digitais, nasceram com um controle remoto na mão, videogames, mouse e agora os celulares (PRENSKY, 2010). A tecnologia para eles é uma coisa natural, mas que gera a necessidade de aprender a se posicionar com sabedoria digital, o que reforça a importância do professor com um outro papel, não mais o detentor do conhecimento e com direitos exclusivos à fala,

mas, agora, como um orientador para o domínio e a apropriação criativa, crítica e reflexiva destas novas tecnologias e dividindo a autorização da palavra com os estudantes.

A educadora portuguesa Adelina Moura defende que reduzir o celular à proibição é esquecer que há nele algo da civilização atual, da socialização e dos vínculos na sociedade contemporânea. A proibição do celular em seu país instigou-a a tentar compreender os desafios e oportunidades de sua integração no processo de ensino e aprendizagem, resultando na tese de doutorado *Apropriação do Telemóvel como Ferramenta de Mediação em Mobile Learning: Estudos de Caso em Contexto Educativo* apresentada ao Instituto de Educação da Universidade do Minho, em Portugal, que será fonte de pesquisa e referência no desenvolvimento deste projeto.

Considerações finais

Um dos desafios que a era da comunicação móvel impõe à escola de ensino médio é descobrir como interagir com jovens imersos na cultura digital e cada vez mais móvel. O universo juvenil está permeado por tecnologias como o celular, as máquinas fotográficas digitais, a televisão, a internet, os jogos eletrônicos e os mp3, entre outras mídias, que permitem um acesso interativo e constante à informação em rede.

O reconhecimento deste universo e apropriação destas tecnologias por parte de professores, alunos e gestores, pode criar uma cultura de aceitação destas novas formas de ensinar e aprender, em sintonia com as transformações do mundo e com o universo dos sujeitos jovens. E o aparelho celular destaca-se como presença constante nas mãos da grande maioria dos jovens. É possível que a escola tenha capacidade de mediar a construção de significados desta tecnologia e utilizá-la a serviço dos objetivos educacionais, mas, para isto, é preciso reconhecer, aceitar e regular as significativas mudanças em nossa cultura e os desafios que estes aparelhos estão impondo a todos indistintamente.

Agradecimentos

Agradecemos à coordenação, secretaria, corpo docente e discente do MIELT (Mestrado Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias) por todo apoio, e a senhora secretária municipal Virgínia Maria Pereira Melo, por conceder espaço para a pesquisa que se realizará.

Referências

ANATEL. Em março, telefonia móvel ultrapassa 250 milhões de linhas ativas. Disponível em: <
<http://www.anatel.gov.br/Portal/exibirPortalInterne>
[t.do](http://www.anatel.gov.br/Portal/exibirPortalInterne)> Acesso em 18 de abril de 2012.

MOURA, Adelina Maria Carreiro. Apropriação do Telemóvel como Ferramenta de Mediaçãoem Mobile Learning: Estudos de Caso em Contexto Educativo. Tese de Doutorado em Ciências da Educação, na Especialidade de Tecnologia Educativa- Universidade do Minho, Instituto de Educação -

Braga, Dezembro de 2010.

BABIN, Pierre, Kouloumdjian Marie-France. *Os novos modos de compreender: a geração do audiovisual e do computador*. São Paulo: Paulinas, 1989.

PRENSKY, Marc. *“Não me atrapalhe, mãe – eu estou aprendendo!”; como os videogames estão preparando nossos filhos para o sucesso no século XXI – e como você pode ajudar!* Tradução de Livia Bergo, São Paulo: Phorte, 2010.